

Lya Luft

as coisas humanas

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2019

Luft, Lya

L975c As coisas humanas [recurso eletrônico] / Lya Luft. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Record, 2019.
recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-11815-8 (recurso eletrônico)

1. Crônicas brasileiras. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

19-59598

CDD: 869.8

CDU: 82-94(81)

Leandra Felix da Cruz – Bibliotecária – CRB-7/6135

Copyright © Lya Luft, 2019

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, armazenamento ou transmissão de partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos desta edição reservados pela
EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 –
Tel.: (21) 2585-2000.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11815-8

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.



Este livro pertence a meu filho
ANDRÉ,
morto no mar que tanto amou.
Como um meteoro belo e
intenso, deixou um rastro
cintilante de
memórias que nos iluminam.

*Também o dedico a Mariel e seus filhos
João Pedro e José Arthur;
a Susana e Eduardo com suas famílias;
e sempre a Vicente.*

Roteiro

- 1 | Depoimento
- 2 | Frente a frente
- 3 | No fundo das águas secretas
- 4 | Para quem acredita, existe
- 5 | Somos Fênix
- 6 | Terra de ninguém, ou de muita coisa
- 7 | O elefantinho gentil
- 8 | O menino e sua mãe
- 9 | O outro lado
- 10 | Construir, tecer
- 11 | De primeira necessidade
- 12 | Não temos de
- 13 | O diabinho no ombro
- 14 | Para não dizer adeus
- 15 | Amigos
- 16 | Drogas, não
- 17 | As virgens loucas
- 18 | Fala um personagem
- 19 | A trança no papel de seda
- 20 | Meg, a Gorda
- 21 | Dicionário para crianças
- 22 | Perdas & peras

- 23 | Essa em que não queremos falar
- 24 | Os diferentes
- 25 | Ainda os diferentes
- 26 | Panorama visto da infância
- 27 | Humanos e animais
- 28 | Intimidades
- 29 | O que nos devora ou nos expande
- 30 | Os pacíficos e os ferozes
- 31 | A luz da vida
- 32 | Do tempo
- 33 | A jornada
- 34 | Flor, adubo, abismo
- 35 | O espelho por cima da mesa
- 36 | Erros de pessoa
- 37 | As águas
- 38 | Palavras e palavrões
- 39 | Névoas
- 40 | Mais sobre palavras
- 41 | A dor do mundo
- 42 | O luxo do simples
- 43 | Onde quer que estejam
- 44 | Fadas, bruxas e a luz no túnel
- 45 | Aquela a quem não dei colo
- 46 | Não sei se quero saber
- 47 | Dona Wally e eu
- 48 | Essa estranha dança
- 49 | O dedo que acusa
- 50 | Escolhas e azares
- 51 | Tema sem fim
- 52 | Logo ali na esquina
- 53 | Equilibrista com rede

- 54 | O miúdo e o esplêndido
- 55 | Aqueles morros azuis
- 56 | Nós, os contemporâneos
- 57 | Falando da vida
- 58 | O susto nosso de cada dia
- 59 | Afetos e projetos
- 60 | Maternidades
- 61 | Estrelas para os humanos
- 62 | Fala da casa inventada
- 63 | Essa amante chamada esperança
- 64 | Beleza e paciência
- 65 | O coração do enigma: jovens suicidas
- 66 | Os belos, cálidos dias
- 67 | Celebrações
- 68 | Menina na tempestade
- 69 | Mulheres & mulheres
- 70 | Audácia e fervor
- 71 | O relógio silenciado
- 72 | A semente escura
- 73 | Os calados e os quietos
- 74 | Na escada rolante
- 75 | Predadores de almas
- 76 | Feridas e flamboyants
- 77 | A Velhíssima Senhora
- 78 | A vida tem que ter sentido?
- 79 | No palco
- 80 | Das inúteis aflições
- 81 | O policial
- 82 | Para quem não gosta de poesia
- 83 | Família careta
- 84 | Por que nos matamos

- 85 | Não ir para Pasárgada
- 86 | Falar cachoeiras
- 87 | À beira do abismo
- 88 | A dádiva
- 89 | Dupla mirada
- 90 | Lobos e cordeiros
- 91 | A casa da vida
- 92 | Sonho de consumo
- 93 | Pequena clareira na confusão
- 94 | Os oitenta
- 95 | O grande silêncio

1 | Depoimento

(De uma colega de faculdade de André, que não conheci, mas me enviou — ou alguém me enviou —, e a ela, Sabrina, agradeço este lindo texto.)

“Alemão.

Nada naquele rapaz fazia sentido: seu tamanho, sua beleza, ou ser filho de uma conhecida intelectual. Muito menos estar cursando Agronomia. Chamavam-no Alemão.

Quando me contaram que era filho da Lya Luft eu olhei descrente. O cara era um gigante, os olhos dele dois faróis acesos. E passavam uma inquietação, ele vivia se mexendo, não cabia direito na cadeira.

Ficamos no mesmo grupo de estudo em entomologia. Acho que foi a única cadeira da faculdade que fiz com ele. Depois de formados a gente fica sabendo o que foi feito da vida de cada colega. Reencontrei o Luft no Facebook, e vi que ele ganhou o mundo. Estava trabalhando em outro continente, fazendo um trabalho maravilhoso ao lado de sua mulher. Quando a gente conhece a realidade rural, e o universo das empresas internacionais, e tudo o que envolve o nosso trabalho de agrônomo(a), e sabe de um colega envolvido em um

trabalho tão completo como o do Luft, vem um sentimento de profunda admiração.

Quando eu soube que o Luft tinha partido, pensei em reencarnação pois muitas pessoas em várias encarnações não irão viver a bela vida que meu colega viveu. Poucas pessoas terão a dimensão do Engenheiro Agrônomo Luft.

Perder pessoas que a gente admira é triste, mas agradecemos por tê-las conhecido.”

2 | *Frente a frente*

Quem é esta que aqui escreve?

Para mim mesma, um pouco de mistério. Acredito que estamos mergulhados nele, numa floresta intrincada, abrindo caminhos, varando torrentes, procurando sol ou estrelas, arranhados, tropeçando, sangrando mas encontrando, inesperadas, pequenas clareiras de fatos ou memórias.

Ou enxergando, coração acelerado, a saída do labirinto.

Este é um livro de textos avulsos que fui escrevendo na hora, ou colhendo aqui e ali do que já havia publicado.

Mistura tudo: reflexões, confidências, memórias, sempre falando ao pé do ouvido do meu leitor. Meu editor recentemente escreveu que existe o “gênero Lya Luft”.

“Afim, quem é Lya Luft?”, perguntam em palestras e entrevistas. Ah, eu queria saber. Ou não quero correr esse perigo?

Desde menina, essa curiosidade: quem sou eu, quem somos nós, a família, os amigos, essas pessoas todas, o que faz o vento soprar, as nuvens ficarem vermelhas, a chuva cair, alguém adoecer? (Muito pequena, eu só sabia que morriam passarinhos e borboletas.)

Em geral fui o que chamam uma pessoa legal. Aluna medíocre, teimosa, pouco ambiciosa, que diferença fazia tirar

o primeiro lugar na turma (isso naqueles tempos aparecia no boletim), ou ser a mais conversadeira, a que ria fora de hora, a que não prestava atenção? O bom mesmo era ser a mais divertida, e talvez aquela com alguns segredos. (Por exemplo, o que eu lia em casa, além das castíssimas revistas de amor, como *Cinderela* e outras.)

Uma coisa eu sabia: era amadora de pessoas e de livros. De segredos, de coisas escondidas e fascinantes, do atrás-da-porta também.

Ainda gosto de ficar em paz acomodada na poltrona ou no sofá, pés em cima da mesinha, lendo, lendo, lendo, coisa que agora posso fazer muito mais tranquilamente. Descobrimo que não há muitas respostas — mas o desejo de saber me mantém viva.

Pegava livros à vontade da biblioteca do pai, ou a da mãe, esta na sala. Alguns, considerados “fortes”, ficavam bem em cima, onde sem escada eu não alcançaria. Ao rés do chão, uma fileira de livrinhos amarelos, finos, capa mole, histórias de detetive que meu pai dividia comigo, e me fizeram gostar até hoje de séries policiais.

Colegas (muito menos o namoradinho daqueles anos) não tinham ideia dessas minhas leituras — bizarras para a minha idade —, como teatro grego, que eu nem entendia bem mas achava pungente todo aquele sofrimento. Devorava além de ficção volumes de história, mas na escola não conseguia decorar as datas mais simples.

Um grande professor certa vez disse que eu “aprendia pra trás”, isto é, ou intuía na hora, ou, quanto mais me explicavam, menos entendia. Continua assim. A intuição me define.

Recentemente voltei a pensar que nunca mais escreveria além de colunas de jornal: um vento muito forte tinha me derrubado. Mas a vida convoca: há toda essa família que eu amo, e eles a mim. Filhos e seus filhos, belos e decentes, construindo suas vidas. Algumas amizades essenciais. A meu lado, firme, o parceiro aguentando meus silêncios inusitados.

Para todos eles, e, sim, para o leitor que vai receber este novo livro — *As coisas humanas* — eu quero ser apenas uma pessoa.

Esta pessoa.

Esta coisa tão humana.

O Bosque, Gramado, 2019

3 | *No fundo das águas secretas*

“O que são essas coisas que ficam mexendo dentro da minha cabeça?”, perguntou a criança. O pai riu e disse algo como “São teus pensamentos, são as palavras. Todo mundo tem isso, todo mundo pensa”.

Hoje muitas e muitas vezes me perguntam, a mim e a todos os que lidam com arte, de onde vêm as ideias, ou a chamada inspiração. Cada um vai dar uma resposta diferente, segundo seu jeito de ser, de viver, de trabalhar. A minha resposta, sincera, que no curso do tempo não mudou, tem sido: tudo vem de dentro de mim, impreciso, mas real. Eu só elaboro, arrumo, enfeito (ou pioro). Pois “o vento sopra quando e onde quer”: posso ficar períodos sem nenhuma boa ideia, e de repente tudo começar a fluir.

Não sou dos disciplinados e coerentes modelos para jovens escritores, desses que escrevem todos os dias, fazem rascunhos, têm projetos definidos. Por mais que os respeite, não consigo ser assim: é meu jeito. Não tenho esquemas, horários, grandes planos. Minha vida toda é mais pautada por intuições do que projetos racionais: sim, muito errei por isso, mas, a esta altura da vida, é quem eu sou, ou consigo ser. E também cumpri, sem esforço demasiado, as tarefas que a vida prática, e o cotidiano, me impuseram e impõem.

É natural assim.

Quando nada tenho a dizer, fico quieta, porque sei que nisso que chamo “minha falsa vagabundagem lírica”, as coisas que talvez um dia eu escreva estão se inventando.

A chamada inspiração, palavra tão polêmica e questionável, é o movimento que nos leva a produzir alguma coisa. No meu caso, repito, está tudo lá dentro, no fundo das águas da mente, ou da alma, aqui a semântica pouco importa. Na verdade, tudo o que vivo, vejo, escuto, sonho, tudo o que me dizem, o que leio, o que vem em entrelinhas e no silêncio, as palavras duras e as amorosas, as alegrias e as injustiças vão se depositando no nosso inconsciente (ou como quer que o chamemos), como aquela lamazinha no fundo de um aquário.

Se ali mexo com um lápis, esse depósito cria vida, se move, sobe à superfície.

Em geral é algo externo que de repente agita o fundo das águas: um rosto, um telefonema, um movimento mínimo nas árvores, um sonho quando dormimos e do qual confusamente lembramos ao acordar, uma claridade na beira daquela nuvem.

Move-se assim o material para a pintura, o romance, a música de todos?

Não faço ideia. Sei que, se entrevistarem dez escritores, terão dez depoimentos diferentes, e em geral nem sabemos — ou queremos — falar de tudo isso.

São pensamentos, desenhos, vultos, esboços e emoções que regem o que muitos artistas produzem: mas, embora vindos dessas águas escuras, não são necessariamente sombrios. Pois lá, junto com as pedras e perdas, estão depositados também os encantamentos que nos marcam para sempre. Não somos

donos ou controladores dessa chamada inspiração: a palavra me incomoda, mas não tenho bom substituto.

Por que me incomoda? Porque sugere algo caído do céu, uma luz que vem do alto, que nos faz sentar e trabalhar leves e alegres. Às vezes, sim, escrevo com uma quase incontida alegria, se pudesse saía a dançar por cima dos telhados vizinhos.

Emergem do reino dos silêncios e segredos os pensamentos que ali nadavam, na sombra, sobre a vida, a morte, a família, os tantos afetos, e projetos, os realizados e os frustrados; as vidas, as mortes, meus tantos erros e limites — emoções como lanternas frágeis nos dias perturbados neste planeta esquisito e fascinante.

Celebramos, ou choramos, cada um a seu jeito, as crenças, as ilusões, os desejos e todas as impossibilidades que acenam na esquina e nos fazem andar um pouco mais. E vamos nos reinventar, sim: pois cada um se reinventa, ainda que sem saber — ou sem querer — a cada novo dia.

E para isso é preciso uma coragem que a gente nem sabe que tem.

* * *

Mais sobre inspiração: uma insensata rosa

Por que não começar citando Borges: “Por que brota de mim — quando o corpo repousa e a alma fica a sós — esta insensata rosa?”

Talvez seja uma boa resposta — ou proposição de novo enigma — para a pergunta tão comum sobre a inspiração. De

onde ela vem? Como aparece, de que lugar obscuro emerge, ou cairá dos céus?

Nunca encontrei resposta certa, mas essa frase de Borges me parece adequada. Não sabemos a resposta, eu não sei, talvez não haja. O termo “inspiração” já desperta alguma suspeita de quem trabalha com arte, seja ela qual for: música, pintura, escultura, literatura, teatro, dança, não importa. Pois nem sempre estamos bem dispostos (alguém diria “inspirados”), mas em geral temos de prosseguir no trabalho. Há trabalhos que precisam ser feitos, mesmo tratando-se de arte, um pouco mais complexa do que engenharia, economia, e outros — ou não — ainda que não tenham nos dado duros prazos, ou prazo algum. Posso parar por algumas horas, dias, e — pelos muitos anos de experiência — sei que, se for bom para meu livro, a vontade, o encantamento, a palavra ou frase, o personagem, voltarão no lugar certo, na hora certa.

Mas não há garantias, é sempre um passeio à beira do abismo.

Gosto de emprestar, nesse assunto, o episódio descrito por Marguerite Yourcenar: ela escrevia, absorta, um texto sobre a morte de Zenon, para seu livro, quando chega o encanador para consertar algo na pia. Marguerite levanta, ele entra, conversam um pouco, ele faz seu trabalho, ela paga, ele senta a convite dela e conversam mais um pouco. Yourcenar e sua companheira moram num lugar remoto, nevava lá fora, e o trabalho do encanador era importante. Ela lhe oferece café e o pão que tinha assado naquela manhã.

E, quando o encanador se vai, diz ela, maravilhosamente: “A morte de Zenon continuava lá, à minha espera.” A frase dela me parece gloriosa e verdadeira, e nos dispensa, a nós

artistas, de dar com muita facilidade essa desculpa “não me veio inspiração”. Acho fácil demais, preguiçosa demais, simples demais, essa explicação. Em geral não ficamos aéreos aguardando que algo suba de nossas entranhas ou desça das nuvens, a não ser em alguns necessários e meio inexplicáveis momentos. Além disso, falo por mim, pois cada escritor, ou outro artista, tem seu jeito, suas maneiras, recursos, hábitos e chatices.

O que funciona é um encantamento com uma palavra, um rosto, um drama, um fato qualquer. E aquela criatura, humana ou não, começa a ter corpo, sofrimentos, felicidades: e a gente se apaixona, e inventa uma paisagem interior, talvez também externa — e escreve.

E trabalha: arte é trabalho, às vezes duro, exaustivo, que nos exalta ou abate, em que acreditamos ou desacreditamos, mas — operários que somos — continuamos a exercer. Queremos a frase melhor, a curva melhor, o som mais precioso, o gesto mais expressivo, ainda que nos pareça, muitas vezes, nosso absoluto fracasso e total ruína.

Além da dura lida, importa, sim, aquela insensata rosa que desabrocha quando menos esperamos: além dos ruídos, das tristezas, das euforias, e das cotidianas chateações.

Inspiração, quem sabe, existe.